

Aristóteles, Cervantes e Machado de Assis: a construção da personagem

Profa. MS. Mariana Barone Beauchamps¹

Resumo:

*Este trabalho tem como objetivo analisar mecanismos comuns na construção a personagem cervantina e machadiana, especificamente na novela **El curioso impertinente** e no conto “A Cartomante”, respectivamente do autor espanhol e do brasileiro. A análise se centra, basicamente, na construção do caráter de cada personagem, de acordo com a conformidade dos vícios e virtudes apresentados por Aristóteles principalmente em seu livro **Ética a Nicômaco**, utilizado por Cervantes e seus contemporâneos como base do modelo comportamental da época e retomado sob o mesmo ponto de vista, por Machado. Ambos os autores conseguem criar personagens complexas, que não se limitam aos vícios ou às virtudes, retomando a mesma base teórica.*

Palavras-chave: Cervantes, Machado de Assis, Aristóteles, criação de personagens, teoria literária do Século de Ouro

Introdução:

A construção das personagens em *El curioso impertinente* é um processo fascinante, frequentemente visitado pelos pesquisadores, sobretudo porque se trata de três personagens com todas as virtudes desejáveis na época, e que, ainda assim, viverão as peripécias narradas na história.

Tal excelência é frequentemente reiterada na história. O narrador nos afirma que Camila é “una doncella principal y hermosa de la ciudad, hija de tan buenos padres y tan buena ella por si...” (CERVANTES: 1996, p. 395)¹. De Lotário, nos conta seus cuidados com o amigo após o casamento deste, “por parecerle a él (como es razón que parezca a todos los que fueren discretos) que (...) aunque la buena amistad no puede ni debe de ser sospechosa en nada (...), es tan delicada la honra del casado, que parece que se puede ofender aun de los mismos hermanos, cuanto más de los amigos” (CERVANTES: 1996, p. 396)². Sobre Anselmo, ele mesmo agradece a Deus, que “me ha hecho (...) hijo de tales padres como fueron los míos y al darme, no con mano escasa, los bienes, así los que llaman de naturaleza como los de fortuna” (CERVANTES: 1996, p. 397)³.

A própria crítica é unânime em reconhecer a qualidade da criação literária cervantina. Amezúa, falando sobre as *Novelas Ejemplares*, afirma que “no llegan desde luego a la cumbre cimera de *El curioso impertinente*, la más psicológica sin duda de todas las suyas” (AMEZÚA: 1956, 2º v., p. 27). Já Orozco Díaz diz:

La minuciosidad con la que Cervantes trata en *El curioso impertinente* la trayectoria psicológica de los personajes es ciertamente extraordinaria, y tiene un

¹ - “Uma importante e bela donzela da cidade, filha de tão bons pais e tão boa por si mesma...” (tradução da autora).

² - “... por achar (como devem achar todos os que sejam discretos) que (...) ainda que a boa amizade não possa nem deva ser suspeita de nada (...), é tão delicada a honra do homem casado, que parece que pode ser ofendida até pelos próprios irmãos, quanto mais pelos amigos” (tradução da autora).

³ - “...me fez (...) filho de tais pais como foram os meus e ao dar-me, não com mão escassa, os bens, sejam os da natureza ou os da fortuna” (tradução da autora).

cuidado muy especial en demostrarnos paso a paso la verosimilitud e inevitabilidad de los procesos anímicos que se desencadenan” (OROZCO: 1992, p. 256)⁴.

Já se olhamos para “A cartomante”, vamos encontrar exatamente o contrário: uma completa falta de excelência em todas as personagens principais, que transparece principalmente em suas ações e em algumas ironias do narrador, sem deixar por isso de constituir-se em uma grande criação literária.

É o narrador quem afirma sobre Camilo que “o pai morreu e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público (MACHADO DE ASSIS: 1955, p.12). Também é dele a primeira opinião que temos sobre Rita: “voltou Vilela da província, onde se casara com uma dama formosa e tonta... (MACHADO DE ASSIS: 1955, p.12). E a descrição de Vilela, cujo próprio nome revelado (apenas o sobrenome) já nos dá boas indicações sobre a personagem: “O porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher” (Machado de Assis: 1955, p. 12). Além disso, cabe a ele também este interessante resumo sobre Camilo:

... Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição (MACHADO DE ASSIS: 1955, p.12) .

A exemplo do que acontece com *El curioso*, a crítica também reconhece a grandiosidade da criação machadiana. Para Ivan Teixeira:

A revolução machadiana desloca, radicalmente, o interesse do cenário e da ação para o íntimo das personagens. A peripécia e a paisagem, que eram a tônica do nacionalismo romântico, são substituídas pela pesquisa da alma humana (traços psicológicos, éticos, morais (TEIXEIRA: 1988, p. 58).

Nadia Batella Gotlib corrobora esta visão:

Os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções... (GOTLIB: 1985, p. 77-78).

O objetivo deste trabalho é olhar para estas construções de personagens do ponto de vista sugerido pelas normas de conduta aristotélicas, uma das bases das poéticas e retóricas do Século de Ouro espanhol e verificar se, em ambas, se mantém a verossimilhança das personagens.

1. *El curioso impertinente*: excelência em verossimilhança aristotélica

Para Aristóteles “o bem é a finalidade de todas as coisas” (ARISTÓTELES: 2002, p. 39), inclusive da Ética, ciência que estuda o comportamento humano, entenda-se, a ação, não o conhecimento (ARISTÓTELES: 2002, p. 41). Para o autor, um comportamento ético exige experiência de vida e de conduta, além de uma educação completa que torne a pessoa apta a avaliar corretamente uma situação antes de comportar-se nela (ARISTÓTELES: 2002, p. 42).

⁴ - “A minuciosidade com que Cervantes trata em *El Curioso Impertinente* a trajetória psicológica das personagens é certamente extraordinária, e tem um cuidado muito especial em nos demonstrar passo a passo a verossimilhança e a inevitabilidade dos processos anímicos que são desencadeados” (tradução da autora).

Só isso já se constitui em um elemento de verossimilhança para as personagens cervantinas. Embora todos sejam muito bem educados, de acordo com os preceitos humanistas cristãos da época, são, todos três muito jovens, idade em que, segundo Aristóteles, as paixões impedirão a ação comedida e equilibrada que se espera de uma pessoa ética (ARISTÓTELES: 2002, p. 41).

Outro ponto importante para o filósofo grego é que as “faculdades” ou características de cada um não podem ser adquiridas, mas sim são atribuídas naturalmente (ARISTÓTELES: 2002, p. 67), constituindo-se cada uma delas em virtude, quando equilibrada, ou vício, em caso de excesso ou falta.

É aqui que a construção das personagens cervantinas na novela parece atingir o ápice da verossimilhança. Tomando a afirmação de Aristóteles como base, todas as características das personagens, tanto as positivas quanto as negativas já formam parte de seu caráter. O que variará será o excesso ou a falta de cada uma delas. Assim, todos são muito bem educados e muito controlados, tendendo ao equilíbrio defendido por Aristóteles como excelência, mas um leve desequilíbrio é suficiente para lançá-los na situação inesperada e limite em que todos se vêem envolvidos.

Lotário tem sua dedicação e entendimento constantemente louvados pelo narrador da história. Diz este:

Pero, ¿donde se hallará amigo tan discreto y tan leal como aquí Lotario le pide? No lo sé yo, por cierto; sólo Lotario era éste, que con toda solicitud y advertimiento miraba por la honra de su amigo, y procuraba dezmar, frisar y acortar los días del concierto del ir a su casa, porque no pareciese mal al vulgo ocioso y a los ojos vagabundos y maliciosos la entrada de un mozo rico, gentilhombre y bien nacido, y de las buenas partes que él pensaba que tenía, en la casa de una mujer tan hermosa como Camila (CERVANTES: 1996, p. 397)⁵.

Seu entendimento, aliás, é raro em uma pessoa de sua idade e faz com que, por um instante, as idéias aristotélicas se vejam em xeque, até que suas paixões afloram. São exatamente essa dedicação e esse entendimento que fazem com que ele veja o risco que Anselmo corre e trate de preservar a honra deste, no início do casamento, mesmo que à revelia do amigo. São estas mesmas qualidades que fazem com que ele recuse por completo o pedido de Anselmo, quando este deseja que ele seduza Camila e que o levam a fingir e mentir, afirmando que tenta de todas as formas atender ao pedido do amigo. Até aí, as qualidades se manifestam como virtudes.

A partir do momento, entretanto, em que Anselmo o manipula, pondo em dúvida sua lealdade (CERVANTES: 1996, p. 409), ele leva a dedicação ao extremo, seduzindo

realmente a esposa do amigo. A virtude, portanto, se converte em vício. Da mesma maneira, as paixões de Lotário estavam perfeitamente sob controle, visíveis apenas, talvez em sua paixão pela caça (CERVANTES: 1996, p. 395), até que a provocação de Anselmo faz com que ela se concentre toda em Camila, de maneira que o sempre ponderado Lotário passa a agir à beira da irracionalidade, como quando denuncia sua amada ao marido, enciumado pela possibilidade de uma traição trazida pela visão furtiva do namorado de Leonela, que escapava por uma janela da casa do amigo (CERVANTES: 1996, p. 418-419). Esta perda do equilíbrio também faz com que suas virtudes se tornem vícios.

⁵ - “Mas, onde se encontrará amigo tão discreto e tão leal como Lotário pede aqui? Não o sei eu, com certeza; só Lotário era este, que com toda a solicitude e advertência olhava pela honra de seu amigo e procurava espaçar, esquecer e fazer curtos os dias de visita à casa deste, para que não parecesse mal ao vulgo ocioso e aos olhos vagabundos e maliciosos a entrada de um moço rico, nobre e bem-nascido, e com outras boas qualidades que ele julgava que tinha, na casa de uma mulher tão bela como Camila” (tradução da autora).

Já com relação a Anselmo, vemos o mesmo mecanismo. Dono de uma coleção de “faculdades” admiráveis, Anselmo possui uma grande insegurança, anunciada pelo narrador em apenas uma linha, ao dar conta ao leitor de que, apaixonado por Camila, o rapaz decidiu-se “... (con el parecer de su amigo Lotario, sin el cual ninguna cosa hacía) de pedilla por esposa sus padres” (CEVANTES: 1996, p. 395)⁶. Tal característica é equilibrada pela boa influência do amigo, e não prejudica em nada sua conduta, mas fica no ar como uma séria ameaça a seu equilíbrio. Gaos, comentando-a, chama-a “insensata” (GAOS: 1987, p. 655), apontando já os perigos patenteados por ela.

Tudo, entretanto, continua bem, até que uma outra característica se sobrepõe a essa: a paixão de Anselmo pela experimentação. Embora normal e admirável para um homem de seu tempo, se levarmos em consideração que o Renascimento foi dominado pelas ciências e a idéia do experimento era, então, muito apreciada, tal característica se converte em vício pelo excesso. Orozco explica:

Anselmo (...) no vive; deshecha la experiencia y se acoge al experimento; espera en su delirio una certeza que está en otro, y se convierte en acreedor a una supuesta verdad objetiva, cuya posesión no le ennoblece ni le mejora: sólo le permite – y temporalmente – calmar su inquietud y colmar su vanidad” (OROZCO: 1992, p. 225)⁷.

Portanto, Anselmo vai alimentar sua insegurança com outra de suas características: a inclinação aos passa-tempos amorosos que ele revelava em solteiro⁸. E a conjunção de ambas com seu gosto pelo experimento gerará sua curiosidade com relação ao comportamento de Camila. Zimic afirma:

La predisposición escéptica de Anselmo hacia su virtuosa esposa se debería, en gran parte, a los muchos ‘pasatiempos amorosos’ a que estaba tan ‘inclinado’ antes de casarse (ZIMIC: 1998, p. 65)⁹.

Entenda-se: como participante em jogos amorosos, pressupõe-se que Anselmo já havia seduzido mais de uma mulher casada, mais de uma mulher cheia de qualidades. Portanto, a perfeita Camila não teria porque estar a salvo de suas suspeitas. Rompendo o equilíbrio que a esperada confiança que um marido deve sempre depositar em sua esposa traria, Anselmo vai viciosamente e conscientemente por Camila à prova. Com a mesma consciência e determinação, repetirá o processo com seu amigo Lotário. Orozco afirma:

...y *El curioso* es también el relato, no solo de un exceso de desconfianza, sino también, y paralelamente, de un abuso de confianza: el que comete Anselmo con su amigo Lotario (OROZCO: 1992, p. 245)¹⁰.

⁶ - “... (com o parecer de seu amigo Lotário, sem o que não fazia coisa alguma), de pedi-la como esposa a seus pais” (tradução da autora).

⁷ - “Anselmo (...) não vive; rejeita a experiência e se atém ao experimento; espera em seu delírio uma certeza que está em outro, e se converte em fiador de uma suposta verdade objetiva, cuja possessão não o enobrece nem melhora: só lhe permite – e temporariamente – acalmar sua inquietude e aumentar sua vanidade” (tradução da autora).

⁸ - Diz o narrador: “Bien es verdad que el Anselmo era algo más inclinado a los pasatiempos amorosos que el Lotario...” [É verdade que Anselmo era mais inclinado aos passatempos amorosos que Lotário... (tradução da autora)] (CERVANTES: 1996, p. 395).

⁹ - “A predisposição cética de Anselmo para com sua virtuosa se deveria, em grande parte, aos muitos ‘passa-tempos amorosos’ aos que estava tão ‘inclinado’ antes de casar-se” (tradução da autora).

¹⁰ - “... e *El Curioso* é também o relato, não só de um excesso de desconfiança, mas também, e paralelamente, de um abuso de confiança: o que comete Anselmo com seu amigo Lotário” (tradução da autora).

Cabe dizer que Aristóteles modula as intenções do comportamento humano entre “voluntárias” e “involuntárias”. Para ele, só o primeiro tipo de ação merece louvor ou censura, enquanto as do segundo deverão receber perdão ou compaixão (ARISTÓTELES: 2002, p. 83). As ações de Anselmo são, portanto, aristotelicamente censuráveis pelo grau de voluntariedade, e mesmo de escolha e, como consequência, cabe a ele um grande quinhão de reprimendas por parte do narrador da novela e das personagens quixotescas que comentam esta novela, cuja leitura acabam de ouvir. Diz o narrador:

¡Desdichado y mal advertido de ti, Anselmo! ¿Qué es lo que haces? ¿Qué es lo que trazas? ¿Qué es lo que ordenas? Mira que haces contra ti mismo, trazando tu deshonra y ordenando tu perdición (CERVANTES: 1996, p. 409).

Já o cura, comentando a novela lida, afirma:

]– Bien (...) me parece esta novela; pero no me puedo persuadir que esto sea verdad; y si es fingido, fingió mal el autor, porque no se puede imaginar que haya marido tan necio, que quiera hacer tan costosa experiencia como Anselmo (CERVANTES: 1996, p. 438).

Diferentemente de Lotário, cujo grau de voluntariedade das ações é bem menor, já que ele sofre com a manipulação do amigo, que sabia que a natureza de Lotário o faria dedicar-se ao máximo a seus desejos, uma vez colocada em dúvida sua amizade.

Com relação à Camila, pode-se considerar que sua ação ao ceder às sedução de Lotário é mais do que involuntária, já que ela se cerca de todos os artifícios para que isso não ocorra, de avisos e apelos ao marido, propositadamente não atendidos por este – vê-se de novo a voluntariedade das ações (CERVANTES: 1996, p. 412) a pedidos para que Leonela não a deixe jamais sozinha com ele, circunstancialmente não atendidos por ela, que estava ocupada com seu próprio namoro (CERVANTES: 1996, p. 410-411).

Em minha dissertação de mestrado, *Cervantes, Machado de Assis e as relações humanas: uma leitura comprada de **El curioso Impertinente** e “A Cartomante”* (2000) analiso Camila com um exemplo de uma “perfecta casada”, de acordo com as idéias propostas por Fray Luis de León em seu *La perfecta casada*, constatando que a jovem possui todas as características que se podem esperar com relação ao comportamento de uma mulher jovem, bela e casada no Século de Ouro espanhol (BARONE: 2000, p. 77-81).

E o próprio narrador demonstra estar atônito com os acontecimentos, ao frisar com a repetição do verbo a entrega de Camila: “Rendióse Camila, Camila se rendió” (CERVANTES: 1996, p. 413). Suas ações, assim, serão objeto de perdão por parte do próprio responsável pela situação na qual ela se vê envolvida, seu marido (CERVANTES: 1996, p. 437), mesmo que após sua rendição encontremos nelas uma intencionalidade que poderia, à primeira vista, por em dúvida o leitor mais desavisado. Entretanto, cabe lembrar que Cervantes constrói personagens humanas, e que a subversão dos dois temas fundamentais da história, o da curiosidade impertinente e o dos dois amigos (ver BARONE: 2000, p. 123-147), exigiria da personagem uma postura de comprometimento ainda maior. Cervantes é comedido, mostrando que o nobre caráter de Camila não encontra um caminho para sair desta situação, completamente desacorde com suas características. Suas paixões a impediriam de aceitar o perdão do marido, do qual ela sequer chega a ter conhecimento e a levam a buscar, na morte, a única libertação possível.

Para Anselmo e Lotário, a morte também é significativa. Lotário encontra uma válvula de escape para seu excesso de instinto predatório de caçador na guerra, dando ao vício um destino nobre que o reconstitui em virtude e que o liberta de seus sentimentos por Camila. Já Anselmo vai expelir todos os seus excessos – de insegurança, dependência, gosto pela experimentação – de

maneira física, através de uma enfermidade que o consome em poucos dias. Processo brutal, porém eficaz, que o faz ver com clareza sua conduta viciosa, perdoar Camila e não julgar o amigo.

Para os três, portanto, a morte vai significar a restauração do antigo equilíbrio considerado por Aristóteles como a única maneira virtuosa para se viver.

2. “A cartomante”: inversões na verossimilhança aristotélica

Lançando ao conto machadiano o mesmo olhar lançado à novela cervantina, verifica-se que, aqui, as idéias aristotélicas sobre o vício serão a tônica do comportamento das personagens. Cabe notar que esta construção de personagens é extremamente verossímil dentro do universo machadiano, composto basicamente pela ironia. Salvattore D’Onofrio explica:

“Ironia”, segundo o étimo grego *eiróneia*, significa “interrogação”, questionamento das regras que regem o comportamento social e dos critérios que determinam o certo e o errado, o bem e o mal, a razão e a loucura, o normal e o anormal, o lícito e o ilícito (D’ONOFRIO: 1986, p. 13).

D’Onofrio vai além, explicando como o ceticismo e o pessimismo machadiano vão influenciar profundamente a forma da conto:

A visão negativista do mundo e do homem, pela qual tudo é maldade e sofrimento (postura pessimista), e a conseqüente descrença numa possibilidade de melhoramento (postura cética) se transformam, no Machado da maturidade artística, em duas atitudes estéticas: a forma irônica e o conteúdo humorístico (D’ONOFRIO: 1986, p. 13).

Ora, evidentemente, a constituição das personagens machadianas será também afetada por esta visão de mundo. As personagens, necessariamente, serão débeis ou más ou incapazes de se adaptar às mazelas do mundo para tornarem-se consistentes dentro deste universo. Assim, o leitor esperará por personagens viciosas e não virtuosas.

Como já vimos na Introdução deste trabalho, Vilela, Camilo e Rita estão longe de serem modelos de comportamento e, muito mais que personagens exemplares arrastadas à uma situação que não compreendem por excessos (como em *El curioso*), parecem personagens fadadas a viver exatamente a situação pela qual vão passar, com o final trágico que o casal traidor tenta superar através das artimanhas da cartomante, também ela enganadora.

O equilíbrio que Aristóteles considera como virtude parece não existir nas vidas dos três, principalmente na de Camilo, jovem que carece totalmente da capacidade de julgar com discernimento e de agir, preferindo deixar-se arrastar pelos acontecimentos, e de Rita que, no outro extremo, parece querer manipular tudo e ter controle sobre tudo, fato que se expressa até em sua ida à cartomante para saber se o marido tinha conhecimento de seu relacionamento com Camilo. Portanto, podemos definir Camilo e Rita como viciosos no sentido aristotélico da palavra: o excesso de egoísmo nela e de ingenuidade nele são indicativos de pessoas cuja conduta deixa a desejar. Ainda que esta ingenuidade se justifique pela pouca idade do rapaz (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 12), ela não o livra da culpa pelo excesso.

Mesmo o grau de voluntariedade diferente das ações de ambos não livra Camilo de sua culpa. Cabe lembrar que a Ética aristotélica julga a ação e não o conhecimento. As ações de Rita são sempre intencionais, voluntárias, feitas por sua livre escolha, como podemos ver nos trechos abaixo:

Pouco depois, morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 13).

Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 13).

Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 14).

Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita... (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 15).

Tais exemplos nos mostram aproximação e sedução deliberados, além da arrogância e do convencimento: Rita não tinha dúvidas de ter outros pretendentes. Configura-se assim uma personagem viciosa, tanto pela falta – de modéstia, de comedimento, de respeito ao marido – como pelo excesso – de arrogância, de luxúria.

Camilo, por outro lado, é um exemplo notável de passividade. Além da afirmação, já vista na Introdução, de que até seu emprego público havia sido arranjado pela mãe, já que o rapaz preferia “não ser nada” (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 12), encontramos várias outras: “Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca” (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 13), “Ele ficou atordoado e subjulgado” (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 14).

O excesso de passividade do rapaz se estende a todas as áreas da vida: profissional e pessoal: assim como escolhe conscientemente não ser nada, até que sua mãe o obriga a trabalhar, ele vê e percebe as artimanhas de Rita, mas não faz nada para evitar cair nelas, entende o desrespeito e a deslealdade ao amigo, mas não faz nada a respeito. Seus remorsos rápidos e inconsistentes (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 14) caem na regra aristotélica que afirma que um gesto só será considerado involuntário se trouxer remorsos e arrependimento para o agente: caso contrário, não se pode dizer que alguém que não lamenta o que fez agiu involuntariamente (ARISTÓTELES: 2002, p. 85).

Já com relação à Vilela, só podemos falar de um aspecto de sua vida, o social. Neste aspecto, sua vida é perfeitamente equilibrada: bem sucedido profissionalmente, casado, considerado por todos uma pessoa séria. Já na vida pessoal, apenas duas indicações. A primeira, seu sincero carinho pelo amigo Camilo, como faz questão de afirmar o narrador: “Eram amigos deveras” (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 12). A segunda, uma admiração pelo aspecto físico da mulher, comentada por Camilo e não por ele mesmo, nas palavras do narrador:

Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa (MACHADO DE ASSIS: 1955, p. 12).

Assim, para Vilela, a definição torna-se mais complexa e difícil, também devido ao fato de não termos acesso à personagem senão através de descrições do narrador. Entretanto, cabe voltar a lembrar que a Ética aristotélica considera as ações, não o conhecimento, e as ações de Vilela estão claramente expostas ao longo do texto. Embora sua vida, como já visto, tenha um equilíbrio, seu apego às normas e convenções sociais leva-o a cometer uma ação que, ainda que de seu pleno direito, nos é apresentada mais como fruto de uma obrigação que de uma convicção. Ou seja, Vilela não age levado por suas próprias faculdades, mas pelas imposições alheias.

Entretanto, Aristóteles discorre sobre a “compulsoriedade” dos gestos, afirmando que “um ato é compulsório quando sua origem é externa e a pessoa forçada nada contribui para ele”

(ARISTÓTELES: 2002, p. 85). E aplicando este conceito à personagem, é-se obrigado a defini-lo como um vicioso, já que seu excesso de apego às convenções o leva a uma ação brutal de reparação da honra, sendo que várias outras ações tão efetivas quanto seriam possíveis.

Além disso, é preciso ver seu orgulho com relação à aparência da esposa, tão grande que o faz fechar os olhos, de alguma maneira, às convenções para escolher uma mulher que, em muitos aspectos, não estava à sua altura, do ponto de vista social. Em minha já citada dissertação de mestrado, analiso a relação entre Vilela e Camila como uma simbiose: ele gosta de ter uma mulher bonita para mostrar, ela aprecia a estabilidade e a segurança financeira que o marido lhe proporciona. Mas não há, em todo o texto, uma única palavra que se refira aos sentimentos que um pudesse ter pelo outro (BARONE: 2000, p. 132-133). Este excesso de vaidade social também vai se configurar num vício de Vilela.

Temos, portanto, três personagens viciosas que atuam de acordo com o pessimismo e o ceticismo machadianos.

Conclusão

Como se vê, a teoria de conduta aristotélica se sustenta durante o processo de criação das personagens tanto do texto cervantino quanto do machadiano. Cabe lembrar que só se analisa aqui a dinâmica do comportamento proposta por Aristóteles, sem entrar no campo das faculdades morais e intelectuais que ele defende como básicas para o homem, e que também se ajustam à perfeição a ambos os textos.

No primeiro caso, um delicado texto sobre os limites do comportamento humano, as idéias de Aristóteles, conjuntamente com várias outras vigentes na época, permitem a Cervantes manter o equilíbrio entre personagens com uma grande nobreza de caráter e seus gestos inesperados e, para a sociedade da época, chocantes. Já no segundo, a ironia e o humor exigem personagens sem valores morais, que permitam a expressão do pessimismo e do ceticismo do autor.

Assim, a dualidade entre a virtude e o vício, colocadas pelo filósofo grego como dois extremos da mesma faculdade ou qualidade dá aos autores a flexibilidade necessária para criar personagens que revelem lados positivos e negativos do ser humano, de acordo com a visão de cada um deles.

Referências Bibliográficas

- [1] ALLEN, John Jay. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Cátedra, 1996.
- [2] AMEZÚA, A. G. de. *Cervantes, creador de la novela corta*. Madrid: Gredos, 1956, 2v.
- [3] ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, estudo bibliográfico e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2002.
- [4] BARONE, Mariana Helene. *Cervantes, Machado de Assis e as relações humanas: uma leitura comprada de *El curioso Impertinente* e “A Cartomante”*. Dissertação de mestrado apresentada à área de Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo em agosto de 2000.
- [5] D’ONOFRIO, Salvattore. *O conto brasileiro: quatro leituras*. São Paulo: Ática, 1986.
- [6] GAOS, Vicente. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Gredos, 1987.
- [7] MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Várias histórias*. “Obras Completas”. 2ª. Ed. São Paulo: W. M. Jackson Editores, 1955, v. 14.

[8] OROZCO DÍAZ, Emilio. *Cervantes y la novela del Barroco*. Ed. José Lara Garrido. Granada: Universidad de Granada, 1992.

[9] TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. 2^a. ed. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Universidade Hoje), 1988.

[10] ZIMIC, Stanislav. *Los cuentos y las novelas del Quijote*. Madrid: Universidad de Navarra, 1998.

¹ **Mariana Barone BEAUCHAMPS, Prof^a. Ms**
Centro Universitário Sant'Anna (UniSant'Anna)
mariana.beau@gmail.com